

## MEDIAÇÕES ATLÂNTICAS: O *BRASILEIRO* NO MUNDO LUSÓFONO OITOCENTISTA

Paulo Motta Oliveira  
UFMG

Há cerca de um ano comecei a refletir sobre certos aspectos peculiares das relações entre Portugal e suas colônias, durante o século XIX, e sobre os efeitos disso na forma como o Brasil aparece na literatura portuguesa do período. Pretendo, aqui, retomar em parte essas reflexões, para que possa articulá-las com novas observações sobre o tema<sup>1</sup>. Parti, para isso, do já clássico “Psicanálise mítica do destino português” de Eduardo Lourenço. Em um trecho desse ensaio, o crítico afirma: “Quinhentos anos de *existência imperial* (...) tinham de transformar *radicalmente* a imagem dos Portugueses não só no espelho do mundo mas no nosso próprio espelho. Pelo *império* devimos *outros*”<sup>2</sup>

No mesmo texto, mais à frente, considera:

O Brasil, como a Índia durante uma época, como a África no final, acrescentavam-se, na imaginação do português culto (e por contágio nos outros) ao pequeno país para lhe dar *uma dimensão mágica* e através dela se constituírem como espaços compensatórios. Potencialmente um “grande país” (...) economizávamos o penoso dever de palpar a nossa pequenez.<sup>3</sup>

Se Índia, Brasil e África serviram para acrescentar à *pequena casa lusitana* um corpo imaginário com que recobriu a sua própria pequenez, não seria o século XIX justamente um período em que o Brasil não mais existia, e a África ainda não havia sido criada enquanto

---

<sup>1</sup> Parte das reflexões iniciais e das análises sobre *A queda dum anjo* e *Os Maias* foram apresentadas no ensaio “Narrativas exemplares: Novos impérios que as vozes tecem em caravelas de papel”, lido durante o *XVIII Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa*, que ocorreu na Universidade Federal de Santa Maria, de 3 a 7 de setembro de 2001. Esse ensaio foi depois reformulado dando origem a dois outros textos: OLIVEIRA, Paulo Motta Peles americanas em corpo europeu: o Brasil na literatura portuguesa oitocentista. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 364-376, 2002. OLIVEIRA, Paulo Motta Mulheres navegantes na apagada e vil tristeza do Portugal oitocentista. In: Marli Fantini Scarpelli; Eduardo de Assis Duarte (Org.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte, 2002, p. 259-268.

<sup>2</sup> LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p.41.

<sup>3</sup> LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote, 1978. p. 44.

*colônia*? Como bem notou Oliveira Marques “Só no século XX (...) é que vantagens de tipo econômico passaram a justificar nitidamente a ocupação portuguesa na África continental”<sup>4</sup> (Marques, 1986,). Não estaria, então, nesse *vácuo colonial* a raiz do pessimismo que percorre o século, do, como o qualificou ainda Lourenço “sentimento de fragilidade ôntica relativo à existência pátria”? Acreditei, e acredito que sim. Pude, partindo dessa hipótese, rastrear algumas das tentativas simbólicas de resolver essa pequenez repentina, gerada pela amputação de parte importante do corpo português. Transitei, assim, pelo que denominei – apropriando-me da famosa expressão de Hobsbawm - de *longo século XIX à portuguesa*, que abrir-se-ia tardiamente em 1807 – início do corte que prepara a independência brasileira de 1822 – e finda, poderíamos supor, em 1926, quando o pesadelo que fora o sonho republicano é destruído. As sementes do Salazarismo que então são lançadas crescerão apostando no *destino imperial*, ou seja, *africano* de Portugal, e dando ao velho corpo uma nova pele com que se cobrir.

Aponte alguns sinais do trauma presentes quase nos limites desse *longo século*. Notei o espaço dúbio que os árcades brasileiros ocupam no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, publicado em 1826 por Garrett, e que acabarão por ocupar na historiografia literária oitocentista portuguesa<sup>5</sup>. Esses escritores são vistos, no *Bosquejo*, ora como brasileiros, ora como portugueses, ficando numa situação intervalar, parados, poderíamos dizer, à deriva, no meio do Atlântico. Pareceu-me sintomático que Garrett, ao criticar o fato de que Gonzaga debuxou “no Brasil cenas da Arcádia”, considere que teria sido muito melhor “se essa amável, se essa ingênua Marília fosse, como a Virgínia de Saint-Pierre, sentar-se à sombra das palmeiras”<sup>6</sup>. Assim, os árcades são criticados por serem *pouco americanos*, pois, se o tivessem sido por inteiro, teriam

---

<sup>4</sup> MARQUES, Oliveira. *História de Portugal*. 3. ed. Lisboa: Palas Editores, 1986. v.III, p.157.

<sup>5</sup> Sobre a presença dessa geração, e de outros escritores brasileiros, nas histórias literárias portuguesas, ver OLIVEIRA, Paulo Motta. Galhos de um arbusto atlântico: breve história de uma quase ausência. *Convergência Lusitana*, Rio de Janeiro, n.18, p.274-286, 2001.

<sup>6</sup>GARRETT, Almeida. *Obras de Almeida Garrett*. Porto: Lello & Irmão, 1963. v.1, p.504.

dado à literatura portuguesa quadros exóticos, de uma natureza agreste e diversa, como foram os de Bernardin de Saint-Pierre para a literatura francesa. Ou seja, o Brasil aqui é visto paradoxalmente ainda como Portugal, como parte integrante, mesmo que já num passado que ainda é quase presente, de uma comunidade que tinha na metrópole o seu centro. A cicatriz ainda é muito recente. Garrett pertence à geração de portugueses que viu o corpo da nação ser amputado de sua maior – e econômica e culturalmente única – colônia. O corpo ainda lembra da parte que lhe foi amputada como se lá estivesse, apesar de não mais lá estar.

No outro extremo desse largo período apontei dois textos publicados em 1924 na revista brasileira *Terra de Sol*, herdeira da portuguesa *A Águia*, escritos por Álvaro Pinto e Carlos Selvagem. No primeiro Pinto considera

O Brasil tem diante de si um futuro brilhantíssimo. Portugal pode voltar a ser uma grande potência (...). Afastemos portanto, pequenas rixas e pensemos a sério em que “Estados Unidos do Brasil” com “Estados Unidos de Portugal” constituiriam a mais poderosa aliança dum lado ao outro do Planeta.<sup>7</sup>

No Segundo, Selvagem afirma:

É necessário abolir de vez, entre os dois povos atlânticos, fronteiras de pensamento e de mentalidade. (...).

No dia em que este formoso sonho se torne realidade, ter-se-á feito a grande unidade moral de que tanto carecemos todos nós, portugueses e brasileiros. Sejam embora divergentes as suas finalidades políticas, uma nova e grande potência moral se terá constituído no mundo *ad maiorem gloriam* da Civilização.<sup>8</sup>

Nos dois casos, evidentemente, estamos diante do desejo de outro tipo de união, em que a parte amputada, para seguirmos com nossa metáfora, poderá de novo ser conectada, através de outras suturas, ao corpo de que fazia parte. A indefinição do texto de Garrett de certa forma

---

<sup>7</sup> PINTO, Álvaro. Portugal-Brasil. *Terra de Sol*, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p.513-521, set.-out. 1924. p.520.

<sup>8</sup> SELVAGEM, Carlos. Carta de Portugal. Rio de Janeiro, v.4, n.11-12, p. 327-334, dez. 1924. p. 334.

continua, não mais enquanto um espaço dúbio, mas enquanto tentativa de construir no presente uma outra comunidade, que refaça, em termos contemporâneos, a união que antes existia. Brasil e Portugal são *como dois irmãos*, brasileiros e portugueses carecem da *grande unidade moral* que seria gerada com o fim das *fronteiras de pensamento e de mentalidade*. Abolidas as fronteiras, as duas nações, que já foram uma, voltariam a sê-lo, e como irmãos celebrariam a nova reunião da velha família. O desejo aparentemente *avant la lettre* dessa comunidade lusófona, escrito em revista brasileira por dois portugueses, parece-me indicar de forma clara a tentativa simbólica de restaurar o antigo corpo em sua inteireza. É uma tentativa de cura, mais de um século depois do trauma.

Foi à luz dessas reflexões que parti para o estudo de duas obras de Camilo Castelo Branco - *Coração, Cabeça e Estômago* e *A queda dum anjo* – e de *Os Maias* de Eça de Queirós, buscando nelas analisar a presença do Brasil e dos *brasileiros*. Em relação a Camilo, a própria escolha das obras já mostra que tentei pensar não no que seria o tipo mais recorrente, o “*brasileiro* boçal e milionário”, como o qualificou Régio<sup>9</sup>, mas em outras figurações. Pensei nas relações econômicas entre os dois países, imagem que percorre o primeiro dos romances apontados, em que o dinheiro brasileiro aparece, de várias formas, como aquele que pode, para usarmos uma imagem do livro, reconstruir “com a máxima opulência de arquitetura”<sup>10</sup> arruinados palácios portugueses. A imagem é por demais evidente. Refleti, em relação ao segundo romance, sobre a relação entre Calisto e a brasileira Ifigênia, que só aparentemente é amorosa, mas que é, sem via de dúvidas, benéfica para ambos, pensando-a como uma metáfora das relações possíveis entre Brasil e Portugal nesse período já quase meio século depois da independência. O Brasil surgiria

---

<sup>9</sup> RÉGIO, José. *Ensaio de interpretação crítica*. Porto: Brasília, 1980. p.117.

<sup>10</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *Obras Completas Vol. III*. Porto: Lello & Irmão, 1984. p.741.

nesse livro, quase em negativo da sua presença em *Coração, Cabeça e Estômago*, como o espaço de onde poderiam vir belas brasileiras, dependentes, interesseiras, mas capazes de adubar uma raça ainda rica, mas sem descendentes. Pareceu-me que teríamos aqui um Portugal que, sem o Brasil, não teria como engendrar a sua permanência, mas que precisaria estabelecer com a ex-colônia laços que só aparentemente seriam amorosos, sendo, de fato, criados por interesses mais mesquinhos e concretos. Calisto, que graças a Ifigênia pôde completar a sua metamorfose de um anacrônico morgado em homem do século XIX, talvez indique um caminho possível, necessário, para que Portugal *pudesse novamente fazer parte da Europa culta*.

Por fim, em relação a *Os Maias*, refleti sobre a forma como é graças à presença do Brasil que a família que dá título ao livro pôde sobreviver. Primeiro será a *negreira* Maria de Monforte, e seu pai que comandara o brigue *Nova Linda*, e levara “cargas de pretos para o Brasil, para a Havana e para Nova Orleans” e que “arrancara uma fortuna da pele do africano”<sup>11</sup>. Será essa Maria que arrancará o beato Pedro de seu isolamento, e que dará uma descendência à casa dos Maias. Depois será Maria Eduarda. Essa mulher, camaleão de múltiplas faces, que em trajes dignos de um bom folhetim romântico, inicialmente é tida como morta, depois surgirá em Portugal como a esposa do brasileiro Castro Gomes, também ela brasileira, e terminará a narrativa prestes a, em nova metamorfose, se transformar em “Madame de Trelain, uma senhora francesa”. Se o sangue da raça havia degenerado com Maria de Monforte, como o considerava o patriarca Afonso, será apenas o lado feminino, o que mais contatos manteve com Maria, que terá descendência: Rosa. No fim do livro, ao lado do estéril e solteiro Carlos, a casa dos Maias poderá continuar graças a Maria Eduarda, mesmo que já com outro nome.

Curiosa construção, em que o lado feminino de uma família, abastardado, menos nobre, com relações evidentes com a ex-colônia, consegue se desenvolver e procriar. Enquanto o lado

---

<sup>11</sup> QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. Porto: Lello & Irmão, 1945. vol. I, p.30-31.

masculino, criado em quintas e em casas senhoriais, está fadado ao desaparecimento. Se *Os Maias* é a biografia da casa portuguesa, como considerou Gilberto Freyre<sup>12</sup>, acaba por se transformar na biografia de um desmoronamento. A casa, como o velho Afonso, desaba. A casa, com a sua estreita vista para o mar, não consegue sobreviver. Em seu lugar surge uma outra morada, menos castiça e nobre, com amplas e múltiplas relações com esse mar que já foi português, com as mãos sujas dos negreiros e a fala carregada dos brasileiros. Essa outra casa impura, *d'espírito largo, desembaraçado de prejuízos, duma benevolência quase misericordiosa*<sup>13</sup>, poderá sobreviver. E essa casa poderá mesmo – como ocorreu com o transformado Calisto e ocorre neste livro com essa Maria Eduarda, que conseguiu ser muitas – *fazer parte da Europa culta*, ser efetivamente francesa, situada, ao mesmo tempo, na Europa e fora dela, no centro e em várias periferias.

Se até aqui pouco mais fiz que resenhar as observações que já havia em outros momentos elaborado, gostaria de agora de fazer alguns breves comentários sobre um livro de Eça que, em minhas reflexões, havia deixado de lado, e em que está o mais famoso dos brasileiros desse autor. Refiro-me, obviamente, a *O Primo Basílio*. Mas antes de lá chegarmos gostaria de fazer ainda um pequeno desvio por um trecho de uma obra de Camilo, *O Cego de Landim*, publicada em 1876, ou seja, dois anos antes da primeira edição desse livro de Eça.

Em 1841, a hospedaria dilecta dos brasileiros de profissão (distingam-se assim dos brasileiros do Brasil) era a do Estanislau, na Batalha. Ali havia a sem-cerimônia do chinelo de liga à mesa-redonda; os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos; (...) a laranja era descascada à unha e os caroços das azeitonas podiam ser cuspidos na mesa (...).<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> FREYRE, Gilberto. Lusitanidade e Universalidade de Eça de Queiroz. In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REYS, Câmara. *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa-Rio de Janeiro: Edições Dois Mundos, 1945. p.23-30.

<sup>13</sup> São essas as palavras com que Carlos se refere ao futuro marido de Maria Eduarda.

<sup>14</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *Novelas do Minho*. Mem Martins: Europa-América, s.d. v.2, p.93.

Acho interessante essa descrição para podermos pensar, por antítese, em Basílio. Esse *brasileiro*, que, é dito em um jornal, “como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho”<sup>15</sup>, é visto pela provinciana Lisboa, e em especial por sua prima, como uma figura refinada. Seria então, aqui, o Brasil o espaço que pode transformar arruinados portugueses em refinados, mesmo que só falsamente refinados, europeus? Teria Basílio adquirido nos trópicos algo do verniz de Rodolphe, o primeiro amante de Emma Bovary? Certamente, qualquer leitor diria que não. Esse ser meio vil, que termina o livro lamentando não ter sabido antes da morte de sua prima, pois não trouxe a amante e encontra-se, por isso, sem mulher em Portugal, não possui nada além de uma casca muito frágil de aparente refinamento.

Parece-me que o papel que o Brasil ocupa na obra tem como chave não *Madame Bovary*, mas outro romance. Lembremos, aqui, da conversa que Sebastião tem com Julião, quando está preocupado com as visitas de Basílio a Luísa .

-Tu sabes que ele foi namoro de Luísa? – disse Sebastião (...)  
E respondendo logo ao olhar surpreendido de Julião:  
- Sim. Ninguém o sabe. Nem Jorge. (...). Foi. Estiveram para casar. Depois o pai faliu, ele foi para o Brasil, e de lá escreveu a romper o casamento.  
Julião sorriu, e encostando a cabeça à parede:  
- Mas isso é o enredo de *Eugénia Grandet*, Sebastião. Estás-me a contar o romance de Balzac! Isso é a *Eugénia Grandet*!<sup>16</sup>

Ora, se isso é *Eugénia Grandet*, o alter-ego de Basílio de Brito seria Charles Grandet. E realmente, a vilania do português lembra um pouco a do francês. Mas, além disso, o Brasil no romance de Eça seria, então, um espaço de enriquecimento semelhante àquele que deu a Charles

---

<sup>15</sup> QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão, 1950. p.9.

<sup>16</sup> QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Porto: Lello & Irmão, 1950. p.157-158.

a fortuna com que pode retornar a Europa e tentar casar-se com a filha de uma família nobre arruinada. Todos sabemos que esse espaço, no livro de Balzac, é o espaço da barbárie, do comércio de coisas e de homens, em que as fronteiras morais estão bastante esgarçadas. Espaço ao mesmo tempo antitético e necessário para a civilizada Europa. Assim, a própria construção romanesca destrói a notícia de jornal que acima citamos. O Brasil não é lugar onde se possa reconstruir *honradamente* uma fortuna. Eram de outro tipo os portugueses que aqui conseguiam fortuna.

Mas se o Brasil assume o perfil de *espaço da barbárie*, curiosamente o seu complemento, no romance de Eça, é, como em *Eugénie Grandet*, também a França. É lá que Basílio mora, sem ser, efetivamente, nem francês, nem português, nem brasileiro. Parece-me que temos aqui a encenação não de uma saída possível, como ocorre em *Os Maias* e também em *A queda dum anjo*, mas de um dilema ainda aparentemente sem solução. O Brasil deixa de ser o espaço do enriquecimento *de Portugal* para transformar-se em espaço de enriquecimento *de portugueses* que, vencendo na barbárie, vão para a civilização, que está para depois dos Pirineus. Portugal, o provinciano Portugal, é apenas uma parada, no meio do caminho. Ainda aqui se encena a cicatriz, se rememora o corpo perdido, mas percebe-se que ele está se ligando, por novos ramos, a outros corpos.

Certamente tudo isso são apenas breves anotações, que precisam ser ainda desenvolvidas e melhor fundamentadas. Mas, creio, servem para mostrar mais um exemplo das múltiplas manifestações desse trauma que percorre todo o oitocentos em Portugal, essa pequena nação que cruza o século em busca de um sentido para a sua existência secular, ali, parada, à esquina do planeta.